

DISCOS VOADORES: ENTRE A CRENÇA E O CONHECIMENTO

CARLOS REIS & UBIRAJARA RODRIGUES

ABSTRACT

Through a multidisciplinary approach, albeit synthetic, comprising studies in the fields of psychology, sociology, anthropology, philosophy, astrobiology, history, mytholog, and religion, the authors of a book released in Brazil, in 2009, «The Deconstruction of a Myth», walk the winding paths of the UFO universe, pointing out the errors and mistakes self-powered by inadequate procedures and sometimes biased by the researchers. Calling for science fiction, the behavioral nuances of the witnesses and the corrosive and intimate relation with religion and pseudo-spiritualist doctrines, contributed heavily to compose the unreal and distorted scenery that is observed today throughout the world, in the permanent struggle between belief and knowledge.

This article proposes a critical and careful analysis in order to demonstrate that the reality of facts is different from that rooted in the popular imagination. Taking as models the commented reactions observed shortly after the release of their work, the authors saw confirmed the thesis of an announced rebellion of factions against the proposal breach of the work, to try to impose that what they believe is the established truth and the existence of alien ships manned in constant visits to the planet is unquestionable.

Based on the premise that the Ufology appeared and was driven from cultural and historical mistakes, this new approach is part of the present era when the corrective macrovision of the facts states upon in all fields of knowledge, and the Ufology could not be taken as an exception. The aim of this article is to present a more scientific approach to the subject based on studies of broad-spectrum

RESUMO

Através de uma abordagem multidisciplinar, ainda que sintética, envolvendo estudos em psicologia, sociologia, antropologia, filosofia, astrobiologia, história, mitologia e religião, os autores de um livro lançado no Brasil em 2009, "A Desconstrução de um Mito", percorrem os sinuosos caminhos do universo ufológico apontando os erros e os equívocos auto-alimentados pelos procedimentos inadequados e, por vezes, tendenciosos dos próprios investigadores. A influência da ficção científica, as nuances de comportamento das testemunhas e a íntima relação com a religião e doutrinas pseudo-espiritualista contribuem fortemente para compor o quadro irreal e distorcida que se observa hoje em todo o mundo, no permanente embate entre crença e conhecimento.

Este artigo propõe uma análise crítica e cuidadosa, a fim de demonstrar que a realidade dos fatos é muito diferente daquela enraizada no imaginário popular. Tomando como modelo as reações observadas logo após o lançamento daquele livro, os autores viram confirmadas a tese de total indignação de facções contrárias à proposta da obra, que tentam impor o que acreditam ser

a verdade estabelecida: a existência de naves alienígenas tripuladas e de constantes visitas ao planeta é inquestionável.

Com base na premissa de que a Ufologia surgiu e se desenvolve através de uma somatória de erros sociais e culturais, esta nova abordagem integra uma macrovisão historiográfica corretiva dos fatos que se desenvolve em todas as áreas do conhecimento, e a Ufologia não poderia ser um exceção. O objetivo deste artigo é apresentar uma abordagem mais científica do tema fundamentada em estudos de largo espectro..

INTRODUÇÃO

Ao se mapear a história da humanidade focando atenção apenas nos momentos das grandes descobertas, *insights*, conquistas e avanços em todos os campos do conhecimento, percebe-se quanto o espírito humano é inquiridor, perseverante e criativo, audacioso por natureza. Foi-se o tempo em que a Terra era plana, o Sol o centro do universo, a epilepsia uma possessão demoníaca e raios e trovões a ira dos deuses. Entretanto, ao mesmo tempo, há aspectos que não podem ser ignorados - o período que antecedeu cada um daqueles eventos, onde vidas se perderam, erros aconteceram, idéias foram enterradas e muito tempo foi perdido até chegar ao sucesso da empreitada. É o preço em busca de aprendizado e conhecimento.

Por outro lado, à sombra dessa linha do tempo persiste o obscurantismo, a falta do saber e o fanatismo que há séculos vem colonizando o inconsciente. Trata-se da crença em fatos nos quais uma explicação é possível ou ao menos plausível. Neste caso, não “houve um tempo”, esse tempo se perpetua em alguns temas desse mosaico de fé: artes divinatórias, vida após a morte, reencarnação, espíritos, fantasmas, entidades sobrenaturais, discos voadores e seres alienígenas.

É neste último que começa a tarefa de desmistificá-lo e enquadrá-lo em seu devido lugar, tentando descobrir que lugar é esse e o que é, afinal, a Ufologia. Sem antecipar conclusões, mas ao mesmo tempo deixando clara a linha de raciocínio, considera-se a ufologia como parte de um complexo sistema de crenças psico-sócio-cultural. Dito de outra forma, uma crença paracientífica, uma subcultura de massa. Um mito, talvez.

O cenário ufológico mundial, em particular o brasileiro, demonstra total falta de compromisso com as regras do pensamento lógico, amparando suas afirmações em especulações sem responsabilidade, coerência e fundamento. A falta de um mínimo conhecimento em áreas técnicas e científicas e a ausência de estrutura metodológica são alguns dos fatores predominantes que promovem esse quadro dissociado com a realidade. Sua única base de sustentação são os depoimentos de testemunhas, contatados e abduzidos como se fossem fontes qualificadas e confiáveis. Geralmente não são, estão sujeitos a erros, distorções, inverdades e fabulações. O avanço da tecnologia na análise de fotografias e filmes, os novos estudos no campo comportamental e das neurociências e a investigação multidisciplinar estão revelando o lado falho da pesquisa, reduzindo a credibilidade de antigos e novos casos a índices cada vez mais baixos.

Não é difícil entender o atual estado em que se encontra o tema. Uma análise crítica permite avaliar com precisão o desenrolar dos acontecimentos. Para tanto, é imprescindível “dialogar”

com autores contemporâneos de modo a capilarizar o conhecimento por outras vias. O sociólogo polonês Zygmunt Bauman, por exemplo, é muito claro quando diz que “Vivemos numa sociedade impotente, como nunca antes, em decidir seu próprio curso com algum grau de incerteza e em proteger o itinerário escolhido, uma vez selecionado”. Ele afirma ainda que “O medo instalado, absorvido, auto-alimentado, fortalecido e perpetuado no cerne do espírito acaba provocando um efeito colateral de busca de heróis, salvadores e protetores” (Bauman. 2007, p. 13). Sob este aspecto cabem palavras como vulnerabilidade, ansiedade, fragilidade, inconsistência, descrédito, insegurança, precariedade, desidentidade. medo e fuga.

A fala de Bauman se multiplica em praticamente todas as suas obras, e se junta às de outros autores ainda que por vieses ligeiramente diferentes e sem divergências significativas, o que favorece o entendimento desta matéria. A partir delas, podem-se inferir alguns dados interessantes. Há uma malha virtual de pensadores e estudiosos preocupados em entender o mundo moderno, as diretrizes de comportamento dessas sociedades e o mecanismo que as conduz. Há, também, uma atenção redobrada à volatilidade das relações e a uma perturbadora e estranha crise existencial, denunciada por uma permanente tensão, um confronto de forças entre coletividade e individualidade.

O que antes era uma unidade integrada na comunidade tornou-se uma individualidade solta na diversidade, sem distinção da linha fronteira entre um e outro. Esse não-pertencimento dificulta determinar onde acaba o sujeito e começa o coletivo. Ou, como diz o historiador francês Roger Chartier, a ruptura entre o fragmento e a totalidade.

Parece haver também um sentimento de que se vive hoje a “era da sedução”. Não são apenas imagens, apelativas ou não, que vendem alguma coisa, mas uma elusiva atmosfera de indução ao “consumo” de comportamento, pensamentos e atitudes. Os exemplos são centenas, diária e continuamente, muitos deles imperceptíveis. Como toda sedução, assim como toda crença tem seu componente principal na irracionalidade, a ufologia, com sua roupagem místico-tecnológica não é exceção, também seduz, e muito. Para compreender a fundo e chegar à raiz da questão têm de vir à cena Jung, Lacan, Mircea Eliade, Lévi-Strauss, historiadores, sociólogos, antropólogos e outros estudiosos. Fora de questão, pelo menos neste momento. O que se pretende aqui, ainda que de forma sintética, é apresentar uma nova abordagem e uma nova perspectiva na análise do fenômeno, contemplando várias áreas de estudo.

UFOLOGIA: SUBCULTURA, CRENÇA OU PARACIÊNCIA?

Subcultura de massa porque a Ufologia faz parte de um sistema de crenças. Talvez o melhor exemplo esteja na efervescência das discussões a partir do momento em que o livro “A Desconstrução de um Mito” chegou ao mercado brasileiro, em 2009. A rejeição e o repúdio demonstrados pela chamada “comunidade ufológica brasileira”. Ao ser publicada, tudo que foi preconizado em suas páginas acabou se confirmando plenamente, em tom quase profético, tal a profusão das opiniões contrárias. Vale dizer, de quem não leu a obra, ou leu e não a compreendeu em sua extensão, e pior – que não a leriam. Alguns até interpretaram o título de maneira totalmente

equivocada, assim como seu subtítulo - *Porque discos voadores podem não existir*. Porém, alguns sintomas na postura da Ufologia, notadamente a brasileira, bem ilustram o distanciamento que tal campo de estudos insiste por manter de preceitos de ordem científica e acadêmica. Mesmo que, por suas características, o tema não comporte um trato com arraigado estilo positivista, que, aliás, parece provocar atualmente verdadeira repulsa por parte dos amantes do misterioso.

A percepção clara que se tem da Ufologia é que ela não passa de um inventário de registros inverossímeis e desarticulados, agravado pela conduta de não poucos ufólogos e não-ufólogos doutrinando fiéis seguidores e leitores com assertivas desprovidas de senso, de informação, de bases fundamentadas no raciocínio e na lógica.

Quando a obra propõe a simples observação do lado oposto aos pensamentos já tidos como imutáveis, é o que oferece o subtítulo, com o único fito de alertar para a imprescindível leitura das idéias contrárias. Neste aspecto, invocar Hegel justifica o lugar-comum, qual seja, o de que não se pode extrair qualquer síntese sem se lançar a antítese do que já se tem como tese. UFOs têm sido sinônimos de naves extraterrestres e, para a maior parte dos ufólogos brasileiros, a adoção, por mera hipótese, de outras “origens”, ou mesmo de explicações diversas, parece contrariar um tabu.

A Ufologia assentou suas bases em premissas equivocadas desde o princípio, e foi se construindo ao longo de uma somatória de erros, mentiras, fraudes, inciência, misticismo, oportunismo e amadorismo. A casuística que sobra digna de atenção é pouca, e se sobrou parece ser porque foi mal investigada, mal avaliada, intencionalmente ou não, ou que ainda se reveste de algum mistério mal explicado. Contudo, para a maioria dos pesquisadores, a ufologia já tem todas as respostas, as evidências são indiscutíveis, e a casuística é prova incontestável da presença de *naves interplanetárias tripuladas por seres alienígenas*.

A polêmica provocada a partir da contribuição dos autores deste artigo desdobra-se de forma notável sobre o próprio mundo comportamental dos ufólogos brasileiros. A principal tônica tem sido a de que a mudança para uma postura mais exigente, de mais rigoroso ceticismo, não apenas faz com que o pesquisador torne-se um excluído dos meios ufológicos, como principalmente o joga contra o mundo inteiro. Não se trata aqui de figura de linguagem, mas de uma afirmação expressa do mencionado grande grupo de contraditores.

Várias têm sido as publicações, em revista e pela Internet, contendo o dito de que os céticos e os que exigem provas mais convincentes estão caminhando em sentido contrário do que o mundo todo já sabe e admite. Isto é, o mundo inteiro, para quase todos os ufólogos, reconhece como legítima e incontestável a existência de discos voadores, e que estes sejam máquinas de alta tecnologia pilotadas por seres extraterrestres. Sob este aspecto, não se vislumbra qualquer ato de desonestidade, nem ao menos intelectual, dos que fazem esse tipo de afirmação.

Contudo, seu fundo emocional e de ordem psicológica é visível, pela demonstração de absoluto inconformismo diante da simples suposição de que haja alguém que não pense como eles. Melhor, seus sonhos transformados em constantes devaneios jamais comportariam hipóteses contrárias ao que lhes conduz particular e socialmente. A consideração de que esteja tudo provado resulta da confusão estabelecida entre um sem-número de meros relatos, coletados, ausentes de sólidas informações, e um reduzido índice de casos realmente complexos, que fazem a Ufologia ser uma área de estudos promissora de bons resultados de ordem cultural e, ainda se espera, de cunho científico útil.

A RESPOSTA ANTES DA PERGUNTA

Essa talvez seja uma das armadilhas de sedução que o tema engendra, porque reúne todos os ingredientes necessários para compor essa estrutura imagética e inundar o imaginário coletivo: religião (o sagrado), tecnologia (a ficção), medo (o mistério) e inconsciente (o mito). O sagrado seduz porque põe em contato com o transcendente. A ficção seduz através do poder ilimitado da imaginação. O mistério seduz porque enfrenta o desconhecido. O mito seduz porque expõe o inconsciente. Assim, de sua parte, a ufologia seduz porque coloca em contato com o transcendente através da imaginação diante do desconhecido si-mesmo.

O fato de a ufologia agrupar tais elementos não diminui seu valor e sua importância histórica como um *evento social e cultural*. Ao contrário, oferece valiosos subsídios na elaboração dessa análise. O erro letal cometido pelos ufólogos, principalmente os mais antigos, foi antecipar as respostas às perguntas. Continua sendo o dos mais novos, e se para aqueles não há censura nem crítica, para estes não há desculpas nem complacência.

Notável um dos mais conhecidos erros de raciocínio ou vieses, que deve ser evitado, qual seja, o de também confundir causa com efeito. Neste rumo, é comum entre os pesquisadores partir do que não se tem como provado ou demonstrado, como premissa maior de argumentos e até para o estabelecimento de passos de algumas experiências. É o que ocorre, por exemplo, com o emprego da hipnose na análise de casos das chamadas abduções. Enquanto se possa esperar de psicólogos ou psicanalistas a análise e o trato da crença do paciente de que teria sido vítima de abdução, para um tratamento ou terapia apartados de uma realidade objetiva e externa ao sujeito, tem-se dado o que não é adotado como válido e eficaz pelo meio acadêmico e pelas técnicas profissionais sérias. A idéia, aceita incondicionalmente, de que o sujeito realmente fora seqüestrado, por vezes raptado, para o interior de naves extraterrestres e submetido a traumatizantes experiências de ordem física e orgânica.

Não raro, esses ufólogos, por vezes também psicólogos, acham por bem mesclar suas crenças de ordem religiosa – geralmente ao estilo espírita – aos seus conhecimentos das disciplinas nas quais são realmente credenciados. Daí, a realidade elaborada pelo paciente, de que de fato fora involuntariamente conduzido para o interior de um artefato extraterrestre, firma-se agora com o apoio do profissional em quem confia, bem como se transforma em ponto que deva ser por ele compreendido, trabalhado, melhor exposto ao seu consciente. O que é, aliás, o grande objetivo da psicanálise – *trazer para o consciente o que é inconsciente*, nos dizeres de Freud, mesmo que estranhamente se saiba que o inconsciente nada costuma gravar de fatos, mas em geral de sensações.

Este é um ponto que permite, apenas a título de mera reflexão ausente de dialética melhor, imaginar que, enquanto fatores psíquicos induzem as pessoas a elaborarem situações, ou a viverem seus sonhos pelas formas de linguagem inconsciente, psicólogos ufólogos simbolizam por elas, associam por elas, fazem condensações e deslocamentos através delas e dramatizam para elas. *Sui generis*, o mundo da ufologia, quando tratado por profissionais que, enquanto ufólogos, continuam na esteira do dogmatizado – UFOs são naves extraterrestres, abduções são seqüestros de autoria desses tripulantes.

Novos e recorrentes exemplos ocorrem amiúde no Brasil. Quase sempre, profissionais credenciados em áreas de saúde mental condenam o ceticismo como uma postura nefasta, que apenas demonstra um “total desconhecimento do assunto...”, tal como recentemente publicado. Carl Sagan, é certo, sabia bem que as falácias não costumam vir apenas da voz ou das letras, ou dos “consultórios”, somente de leigos ou de pseudocientistas. Ao contrário, ficam mais tangenciais e inválidas quando surgem do pensamento de pessoas com boa formação acadêmica, tal como a mais costuma – a de que, se não se reconhece como provado, isto só pode ser pelo desconhecimento do tema. Em tais ocasiões, também o cientista pode-se tornar um praticante de pseudociência.

A forma mais comum de se trabalhar assim é a utilização de termos que já se tornaram verdadeiros clichês, extraídos de temas “paralelos”, tais como linhas esotéricas, místicas e religiosas. Os clichês andam de braços dados com os modismos, no caso uma preferência atual e quase sempre fanática por uma espécie de esoterismo não sistemático.

Pela hipnose, como destacado, um abduzido se torna testemunha autêntica, aos olhos dos que adotam métodos de todo discutíveis, de uma invasão alienígena. Ou, ao inverso, de uma espécie de assédio “positivo”, destinado a “expandir a consciência” das pessoas e ensiná-las a compreender “outras realidades”, tais como um mundo habitado por dita “espiritualidade” (nos dizeres, quase sempre, em sentido conotativo, significante de um mundo sobrenatural ou de “outro plano existencial”). E isto se firma pela atuação de profissionais como os que aqui são comentados. Enquanto a hipnose apresenta larga e antiga discussão a respeito da validade da aplicação de sua decantada Regressão de Memória, para estudo de abduções ufológicas, principalmente em razão de sua ineficácia diante de alucinações, de simples sonhos ou de outras ocorrências mais graves de cunho psíquico, ufólogos-psicólogos não hesitam por dá-la como método infalível.

Não medem palavras ao afirmarem que alguém que seja abduzido geralmente muda sua visão de mundo, após regredido, o que faz também o pesquisador a mudar a sua própria visão. E também não hesitam dizer que o pesquisador, assim, aproxima-se das ocorrências e vai vivendo experiências juntamente com os abduzidos, e “vai crescendo”. Isto é, entre profissional e paciente não haveria limites para a necessária, porém ardilosa, interação entre eles, conhecida em psicanálise por transferência.

Ao escolher para um tratamento ou para um estudo a abdução como realidade fulcrada em seqüestro alienígena, o pesquisador estaria, em tese, correndo o risco de praticar, de forma também perigosa e incondicional, o que se conhece por contratransferência. Possivelmente, em razão disto, venha de profissionais a confissão de que, ao pesquisarem abduções, “as energias desconhecidas a que estávamos expostos nos trouxeram muito medo”. Os autores deste artigo já sugeriram, em algumas fontes, que a Ufologia deveria separar, em sua classificação, casos de abdução das ocorrências de alegados contatos com alienígenas, estando o protagonista desperto. Ou seja, enquanto as abduções quase sempre se ligam a questões oníricas, com prévia através de sonhos, os outros parecem estar ligados a ocorrências mais objetivas, carecendo o tema de total aprofundamento.

Contudo, o fascínio atual pelas abduções faz com que os próprios ufólogos, muitos deles credenciados nas áreas de saúde mental, não resistam ligar um tipo de fenômeno a outro. Em sendo as abduções mais atraentes, é comum que testemunhas de casos aparentemente mais objetivos sejam classificadas como vítimas das primeiras, numa espécie de desejo do pesquisador, de que

o mais misterioso tenha ocorrido. Para os adeptos dessa linha, é costumeiro que desconfiem de que testemunhas de eventos cujas nuances físicas e até sociológicas sequer foram satisfatoriamente esclarecidas tenham sido abduzidas.

Uma das mais conhecidas protagonistas do Caso Varginha (com ápice do histórico em 20 de Janeiro de 1996, na cidade de Varginha, Minas Gerais, Brasil), ao se submeter a uma análise de seu depoimento, teria mostrado a um desses estudiosos que “em sua memória havia uma sensação de luz e de estar quase subindo”. Porém, como não fora permitido hipnotizá-la, não se pode “assegurar que houve abdução”. A hipnose, no caso, teria sido então método seguro para que se pudesse afirmar que uma garota, ao avistar o que chamara de “monstrinho” por menos de dez segundos, saindo correndo aos prantos, fora de fato abduzida. Não há subterfúgios nesse tipo de declaração.

O Caso Varginha, por ter se tornado ícone da Ufologia brasileira desde 1996, independentemente das impressões que lhe sejam favoráveis ou contrárias, foi objeto de atuação da linha de pesquisadores aqui sob comentário. Declaram, hoje em dia, que neste caso há um elemento conhecido, de seres que aparecem em regressões, geralmente relatados em zonas de cavernas. E que, se o contato das meninas (que se tornaram conhecidas por alertar a cidade da presença de um alegado ser estranho) foi físico ou só aconteceu naquela zona intermediária entre o físico e o não físico, não se pode saber. Literalmente estes são os termos utilizados, quando a Ufologia, em meio aos seus já satisfeitos adeptos, tenta obter das ciências uma credibilidade que julga merecer.

O discurso desta espécie costuma fundamentar-se em crenças de cunho religioso, que deixa o ufólogo na condição de se misturar integralmente ao fenômeno, ao invés de procurar separar sua compreensão daquilo que não consegue evitar do seu próprio ego. A se considerarem conhecidos pesquisadores de abduções do mundo, ainda que restringirmos sua atuação no Brasil e em Portugal, pode-se notar que é farta a sua tendência de substituírem a idéia de “invasão extraterrestre” por algo que, para eles, está ensinando e transformando os seres humanos a expandirem sua consciência, para entrarem em contato e compreender o seu interior e serem capazes de modificar seu mundo. Além de parecer teratológico, tal conjunto de idéias é claramente escatológico.

Assim, o que se pode notar é a utilização de método discutível, quase inválido, para admitir o próprio fenômeno, e aqui se fala no binômio, regressão por hipnose/abdução. Ao que tudo indica, escolha errada de premissa maior, para concluir de forma inválida, ou seja, partir do que não está demonstrado para auscultar variações da mesma suposta realidade. Tal expansão de hipóteses, a partir de uma primeira ainda não confirmada, monta ou constitui uma realidade com nuances de fantasia. Principalmente quando se afirma que emoções e memórias recuperadas durante regressões hipnóticas constituem um conjunto de relatos que permitem compreender o papel de seres estranhos em nosso mundo.

A partir disto, essa linha afirma sem constrangimento que esse “outro mundo” também possui aspectos físicos, porém mais sutis, em que tais seres não são totalmente físicos, ainda que reais e possuam o poder de mudar de forma. Aqui, outra nítida influência de crenças do tipo religioso, que fez um crítico ao citado livro dos autores dizer que neste aspecto ocorreu indesculpável falha, porque não fora citada em que havia influência de religião e que religião afinal seria esta.

Mais ainda, que esses seres, em muitas ocasiões, adquirem densidade suficiente para ingresarem em nosso meio material e interferir nas coisas. Por fim, parecem oferecer uma digna

justificativa para suas terapias a abduzidos – as vítimas, assumindo suas transformações antes comentadas, passam a perceber e a receber orientações e pensamentos diretamente dos seres, que se apresentam como “mestres”. Eis alguns enfoques com os quais trabalha, com orgulho e ênfase, a Ufologia no Brasil, através de seus principais colaboradores e divulgadores.

VIDA EXTRATERRESTRE NÃO É SINÔNIMO DE DISCOS VOADORES

Acontece que a maioria das pessoas, e dos ufólogos em especial, tem a crença na existência dos discos voadores por conta de uma persistente mal traduzida concepção de *vida extraterrestre* desde a nascente. Tem-se a impressão de que os pesquisadores nunca se interessaram em verificar a real possibilidade de existência dessa vida, e qualquer tentativa de demonstração científica contrária ao fato foi e continua sendo sumariamente rejeitada. Não avaliam, por exemplo, de maneira lógica e sistemática, as extraordinárias distâncias que separam os corpos celestes – milhares de anos-luz.

Não ponderam sobre a inviabilidade de viagens à velocidade da luz, a improbabilidade antropomórfica, as complexas equações da formação da vida *do modo como a conhecemos* e muitos outros aspectos, só para ficar nos campos da astrobiologia e da astronáutica. Continuam reféns da visão de que a Terra é o centro do universo. Daí, fica fácil adotar idéias tais como a de que supostos seres vivem em outras dimensões, possuem físico porém mais sutil, que podem adquirir mais consistência e penetrar nosso mundo, influenciar pessoas e coisas. Quando a crença passa a ser desafiada pela razão e pelo conhecimento, a fuga dessa realidade se dá por meio de evasivas e discursos pífijs:

Sem dúvida, há discos voadores! E mais: afirmo que são veículos ou sondas de origem interplanetária, concebidos, projetados e construídos por civilizações (...) tendo o assunto sido investigado por décadas a fio, e suficientemente esclarecido em suas bases. (Lauda, J. *Por trás da análise de um mito*, revista UFO nº 159, novembro de 2009, p. 41-42, e em correspondência pessoal com o autor).

Já o público leigo sustenta suas “certezas” no desgastado bordão *Se nós podemos explorar o espaço, por que eles* (os discos voadores) *não podem vir até aqui?* É compreensível a falta de informação, não a de reflexão. As pessoas ignoram que existem estrelas grandes o suficiente para engolir nosso sistema solar; que em nossa galáxia, entre bilhões de outras, estima-se conter 400 bilhões de estrelas; que, na improvável hipótese de existir uma única civilização altamente evoluída capaz de viajar pelo cosmo, ainda assim ela teria que ter certeza de existirmos em algum ponto perdido do espaço (na escala cósmica nosso sistema planetário é imperceptível). Nada disso é relevante para os crédulos e aficionados pelo tema. Nunca houve espaço para o debate inteligente com a ciência de maneira que um esclarecimento educativo e elucidativo fosse posto em prática.

Nada justifica, nos tempos atuais, ao findar a primeira década do século 21, que esse comportamento se manifeste de forma tão arrebatada. Pode-se entender essa reação quando se observa um movimento silencioso e vigoroso de retomada da reflexão, de extensa revisão historiográfica dos fatos amparada pela razão e pela informação. O ritmo vertiginoso das mudanças aliado ao volume crescente de dados exige atualização permanente, cuidadosa atenção na qualidade desse

material e apreciação criteriosa do que for aproveitado. A curva do aprendizado cresceu exponencial e cumulativamente da metade do século passado em diante, notadamente nos últimos 15 anos com o advento da internet e da comunicação digital.

Há pouco mais de 50 anos não havia vacina contra pólio, microondas, cartão de crédito, pílula anticoncepcional, Projeto Genoma, raio laser. Computador, DVD, celular, Viagra, transtorno bipolar eram impensáveis. O conhecimento produzido pelo homem nesse período é muito maior do que o acumulado em toda a sua história! Para a maioria dos ufólogos, entretanto, isso não faz a menor diferença. Enquanto a ciência e o conhecimento se renovam e multiplicam seus recursos, a crença se recolhe e se encolhe em seu contido e auto-suficiente universo.

Podem-se pinçar incontáveis exemplos, desde muito tempo, onde se encontra a repetitiva e desafinada cantilena dos ufólogos: *Os discos voadores obedecem a uma lógica não-humana, com características e comportamento que desafiam nossa ciência e abrem os portais para uma nova consciência. Ou os discos voadores têm propriedades tão extraordinárias capazes de inverter sua própria sombra! Eles podem aparecer e desaparecer instantaneamente, contrariando as leis da física, viajando a velocidades fantásticas cobrindo enormes distâncias em pouquíssimo tempo.*

O cortejo de declarações desse teor não tem fim: *Os governos de todo o mundo escondem informações cruciais sobre o assunto, com medo de provocar pânico na população. O Vaticano guarda a sete chaves segredos seculares sobre os destinos da humanidade, transmitidos por inteligências extraterrestres. O “contato oficial” com outras civilizações cósmicas acontecerá a qualquer momento.* Algumas afirmações revelam sintomas de um notório comportamento doentio: “Não saio mais à noite com medo de ser abduzido. Tenho certeza de que sou observada o tempo todo pelos extraterrestres”. “Sigo orientação *deles* em tudo o que faço”.

Essas afirmações não são de meros simpatizantes ou fascinados pelo tema, mas também de ufólogos. Oportunamente, no Brasil, o salutar direito de livre expressão inspirou declarações do tipo “Cheguei à conclusão de que estava sendo acompanhado durante todo este tempo, e que algo conduzia minhas pesquisas”.

Não são apenas falas, entrevistas e publicações que produzem esse quadro caótico e contribuem para que a ufologia seja vista como “coisa de malucos”, alvo de piadas e sarcasmo. É preocupante saber de certas atitudes duvidosas e não referendadas pelos órgãos e instituições de classe que podem colocar em risco a saúde física e mental das pessoas. Não se pode admitir que certos profissionais de saúde tratem seus pacientes com transtornos psíquicos, justamente quando mais necessitam de atenção, orientação, tratamento adequado e acompanhamento especializado, simplesmente jogando-os na vala comum dos *abduzidos por extraterrestres*. Ainda por cima, identificam o paciente com nome completo, expondo ao constrangimento público e ao ridículo, infringindo as normas internacionais que determinam o uso apenas das iniciais. As autoridades de Saúde e os Conselhos Médicos deveriam ser informados e adotar providências contra essas práticas contrárias á ética médica.

Em outra direção, a alteração entre Estados Unidos e Rússia vem desde o tempo da guerra fria, onde a corrida espacial tem sido terreno fértil para apimentar as discussões. Astronautas de um lado e cosmonautas de outro disputam o melhor acervo de “contatos imediatos”. Tem de tudo, naves pousadas na Lua, encontros no espaço, troca de sinais, seres flutuando em torno das estações

orbitais, o inevitável jogo de palavras sobre os insondáveis segredos militares, incluindo a reentrada da *Discovery* com “providencial ajuda dos nossos irmãos cósmicos”. Segue-se um vasto repertório de eventos que mais parece colagem de episódios de ficção B: teorias conspiratórias, ocultação de informações, escutas telefônicas, Área 51, Hangar 18, projetos, dossiês, sinais apocalípticos, previsões milenaristas, implantes, miscigenação cósmica, abduções. Ou seja, a Ufologia, como tudo que imita a ciência, tenta sobreviver com neologismos fantasistas e enredos mirabolantes.

Atitudes e devaneios como esses refletem exatamente aquilo demonstrado nos parágrafos anteriores sobre a fragilidade e impotência do ser humano para conduzir sua existência com autonomia, sabedoria e maturidade. Além disso, espelha também um medo dissimulado de ser a única espécie vivente no universo, *na forma de vida como a conhecemos*, uma realidade cruelmente verdadeira. Daí a procura incessante e desmedida em formas alternativas de preenchimento desse vazio. Evocando Bauman, e à luz de outros estudiosos, o medo ancestralmente produzido leva a busca – ao resgate – de entidades protetoras e salvadoras, emoldurados pela cultura contemporânea.

“O devaneio também é uma atividade social”, afirma Jean-Bruno Renard, professor de Sociologia da Universidade de Montpellier, na França, “mas ela permanece, frequentemente, sendo uma experiência íntima.” (Renard, 2007, p. 233). Renard afirma ainda que “O fenômeno dos discos voadores é o ponto culminante da simbiose entre os temas de ficção científica e as crenças parareligiosas” (*Religion, Science-fiction et Extraterrestres, in Archives de Sciences Sociales des Religions*, v. 50-1, p. 147, Juillet-Sept.1980).

A influência decisiva que a ficção científica exerceu no passado para a construção do universo ufológico é indiscutível. A começar pela expressão “disco voador”, tornada um ícone pelas manchetes jornalísticas da época, já era uma imagem plantada no inconsciente desde o final do século XIX, graças às histórias e novelas escritas pelos primeiros autores de ficção científica, dentre eles, H. G. Wells e seu *Guerra dos Mundos*, de 1898. A ficção científica também pega os antigos mitos e os reveste de uma roupagem tecnológica que os torna aceitáveis para a nossa época. Lloyd Biggle Jr., escritor de ficção científica, diz:

O homem primitivo habitava um mundo onde até uma simples brisa despertava uma interrogação, e o faiscar de um relâmpago constituía uma ameaça de condenação. Ele não reconhecia as suas fantasias (os mitos) como se fossem ficção científica, mas elas eram-no. O homem especula inevitavelmente sobre o desconhecido com base no que dele é conhecido, e a palavra “ciência” significava originalmente “conhecimento”. Ao longo de toda a história da humanidade, cada era produziu uma “ficção científica” que refletia a tecnologia e o pensamento científico dessa mesma época. (Citado por Gilberto Schroeder, *Ficção científica*, 1986).

A FICÇÃO CIENTÍFICA SERVIU DE MODELO PARA A CASUÍSTICA MODERNA

O Professor de Filosofia e pesquisador francês Bertrand Méheust, demonstrou que *todas* as constantes do fenômeno Ovni – formas, manobras, teorias de propulsão, personagens, efeitos físicos e psíquicos, ambientação e uma interminável lista foram antecipadas pela ficção científica

dos anos 20 e 30, e mesmo muito antes disso, e processadas de forma conveniente pela ufologia (Méheust, 2007). Louis-Sébastien Mercier, em 1771; Louis Guillaume de la Folie, em 1775; Alfred Driou, 1856 são alguns dos autores que foram “adotados” pela casuística ufológica moderna. Os *crossovers* entre a ficção científica e os discos voadores são muito mais frequentes do que se possa imaginar.

O estudo comparativo de Méheust mostra que as concepções artísticas da ficção nos séculos 18 e 19 antecederam as descrições das formas observadas no século seguinte, o que pode indicar que já estavam “prontas” no inconsciente. A ficção, qualquer que seja sua forma de expressão, não exerce influência apenas no plano psicológico, mas também no simbólico e no psíquico.

Na esteira desse enfoque, além da ficção científica, não é demais mencionar a influência exercida no passado pela literatura infantil dos contos de fadas e das histórias em quadrinhos. Todas essas manifestações culturais produziram um incremento substancial no imaginário de crianças, pré-adolescentes, adolescentes e adultos. As sagas, as epopéias, os relatos maravilhosos, todos operam uma espécie de iniciação ao mundo mítico-simbólico. Talvez já não exerçam o mesmo efeito e na mesma intensidade na vida moderna, mas ficaram impregnadas de tal forma que se tornaram parte indissolúvel do pré-consciente.

É nesse plano – o literário – que a maior parte dos esquemas iniciáticos propala sua mensagem espiritual, dirigindo-se diretamente à imaginação. (...) de alguma maneira, o conto de fadas - em função do fascínio e da atemporalidade que todo relato mítico cria – tem a capacidade de desvelar, para os que o escutam ou lêem, fragmentos desse “mundo diferente”. (Eduardo A. Azcuy in PAZ, 1989, p. 11).

Nessa obra, a autora discorre sobre as várias interpretações que podem ser dadas aos contos de fadas e o ponto em que se entrecruzam com os mitos. Chama a atenção uma definição que dá a esse gênero literário:

O conto de fadas é uma alegoria da passagem iniciática na qual o herói representa a alma perdida no mundo a lutar contra os poderes interiores de sua própria natureza e contra os enigmas que a vida lhe propõe, até encontrar, após aceitar e realizar as provas, os meios para a sua própria redenção. (id., p. 18)

Bauman disse a mesma coisa com outras palavras. Jacob Grimm, o mais velho dos Irmãos Grimm, dizia que “O fundo de toda lenda é o *Mythus*, isto é, a crença nos deuses tal como vai sendo estabelecida de povo para povo (p. 54). Para Mircea Eliade, entretanto, o conto de fadas não é apenas e exatamente um gatilho de iniciação, mas também um “*Instrumento de manutenção, preservação, perpetuação de psicodramas que respondem a uma necessidade profunda do ser humano: a necessidade de contato com o Outro Mundo, confrontar-se com situações mágicas, perigosas e desconhecidas.*” (grifo nosso) (in Paz, 1989, p.30). A maioria dos pensadores e estudiosos concluiu que os contos e os mitos são modelos para o comportamento humano, dando valor e significado à vida. Neste sentido, a ufologia apresenta todas as características de um conto de fadas moderno.

Antes de se admitir o fenômeno Ovni como um mito e de que maneira ele se enquadra nesse conceito, é preciso entender o que é mito, sua origem, razão de existir e finalidade. O mito tem sido definido e interpretado por vários ângulos, elaborado e reelaborado continuamente, mas a

sua concepção original permanece intacta. *Grosso modo* é possível descrevê-lo como uma narrativa de significação simbólica referente a aspectos da condição humana. Assim como os contos e outras histórias fabulosas, ele é a chave para preservação do sagrado. A definição de Mircea Eliade, entretanto, é de uma sutileza reveladora:

(...) Noutros termos, o mito conta como, graças aos feitos dos Seres Sobrenaturais, uma realidade passou a existir, quer seja uma realidade total, o Cosmo, quer apenas um fragmento: uma ilha, uma espécie vegetal (...) É, sempre, portanto, a narrativa de uma “criação”: descreve-se como uma coisa foi produzida, como começou a existir (Eliade, s/d, p.12).

Pode-se descartar de imediato a definição equivocada, pois que ultrapassada, de falsidade, engano, ilusão, mentira. Tampouco se pode usá-lo aqui para identificar algo ou alguém, conforme a versão popular, como se disséssemos “Pelé é um mito” ou “Michael Jackson foi um mito”. O mito encerra um simbolismo de tal amplitude e complexidade não cabível no perfil dessa matéria. Para Marcelo Fabri, doutor em Filosofia da UNICAMP, o mito revela uma condição característica do homem moderno: “Sua situação de ruptura com o universo mítico das hierofanias gera um intenso desejo de mergulhar atrás de seu passado, suas *Origens*.” (in Morais, 1988, p. 28).

O mito é um evento repetido e recriado pelas sociedades porque é inerente à sua existência. Nenhuma sociedade o é sem o mito a lhe dar suporte, sentido e direção, e conduzir o homem às suas mais profundas aspirações: transcendência e plenitude. E ainda, como nos contos, nos quadrinhos, romances, o que está em jogo são as temáticas da redenção e da superação do tempo – atemporalidade, infinitude, imortalidade. Segundo o Prof. Luiz Gonzaga Godói Trigo, nessa mesma obra,

(...) o mito persiste no imaginário dos homens. Quando menos se espera ele surge no meio de um cenário profano, dessacralizado, esterilizado da idéia do absoluto. Instaure-se sutilmente (nem sempre, às vezes aparece com veemência) nos meandros de nossa cultura e de nossas artes (p. 117).

E complementa:

O mito vive com a dúvida dos homens, com a fé cega que eles depositam em algo com poder de orientar suas vidas. Este poder indefinido não é apenas uma divindade no sentido da mitologia clássica (...) mas será sempre um poder que transcende o limite físico e o entendimento dos mortais (id, p. 118).

Os extraterrestres são como anjos da guarda. O mito proporciona um meio de integração, de estruturação de um todo significativo para o homem, jogando o sentido da vida e do universo ao nível de compreensão de uma civilização avançada e altruísta não-humana e que está disposta a nos ajudar. A salvação está em algum lugar do espaço exterior à Terra (ibid., p. 119).

Após toda essa análise – ainda que breve e naturalmente incompleta, pensamentos encadeados, correlação com a literatura infantil, ficcional e romanesca, considerações antropológicas, sociais e históricas, já é possível considerar os eventos ufológicos como sendo de fato uma versão moderna dos relatos míticos ancestrais, um evento social e cultural, com notas de religiosidade. Mas o seu caráter psíquico não pode ser ignorado. O psiquiatra Carl G. Jung, que se ocupou durante muitos anos estudando o assunto sob o ponto de vista de sua especialidade escreveu:

Mas o aspecto psíquico desempenha, neste fenômeno, um papel tão importante que não pode ser deixado de lado. O levantamento dessa questão leva, *como* as minhas explanações tentam

demonstrar, a problemas psicológicos que tocam em possibilidades, ou impossibilidades, tão fantásticas quanto uma observação física (Jung, 1991, p.98).

Independentemente da veracidade das observações e dos relatos, eles foram o ponto central de um significativo movimento psicossocial mais tarde denominado de ufologia. A questão que se discute é a reação da sociedade diante desse novo fato. Como todo movimento social, este também tem características intrínsecas que podem e devem ser analisadas, para que se possa entender de maneira mais acurada os meandros do fenômeno. Uma dessas características está estreitamente ligada aos aspectos míticos que permeiam o imaginário humano desde tempos imemoriais, como a eterna busca daquilo que está *em cima, no firmamento*, “lá fora”..., coisas de alguma forma inacessíveis ao ser humano e, ao mesmo tempo, representando o paraíso, a iluminação, a “morada dos deuses”.

A ponte entre o sagrado e o humano, entre o divino e o terreno é chamado de religião, e nesse sentido, a ufologia é uma releitura desse pensamento mítico incorporada aos valores atuais. A história é testemunha de que, em tempos medievais, certos processos religiosos serviram como obstrução à evolução humana em suas relações com a cultura e a ciência. Jung considerava que ao magnífico desenvolvimento científico e tecnológico, correspondia uma assustadora carência de sabedoria e introspecção.

Em seu estudo sobre as novas seitas que parecem proliferar cada vez mais em nossos dias, o historiador francês Jean-François Mayer notou que algumas delas se baseavam na franca adoração dos seres extraterrestres e suas naves. Mayer cita ainda um estudo de Ted Peters – *UFO, the Religious Dimension* (in *Cross Currents* 27:3, Oct 1977, p. 261-278), que constata a presença, na estrutura do fenômeno Ovni, de quatro elementos derivados diretamente da fenomenologia religiosa:

1 – **A transcendência:** os objetos que vêm do alto, donde uma associação de divagações com os céus, o divino e o infinito.

2 – **A onisciência:** em muitos relatos de encontros, os extraterrestres conhecem de antemão seu interlocutor ou leem os seus pensamentos; vigiam a Terra graças a meios eletrônicos sofisticados e estão sempre prontos a intervir na iminência de uma catástrofe planetária.

3 – **A perfeição:** os seres espaciais pertencem a uma civilização muito mais “adiantada” que a nossa; sua excepcional longevidade confina com a imortalidade, comparada com a brevidade de nossa existência humana; seu mundo não conhece os defeitos do nosso.

4 – **A redenção:** o “vale de lágrimas” terrestre será substituído por um “novo céu” graças à tecnologia; os “salvadores celestes” trazem a solução aos problemas que o próprio homem provocou e lhe indicam uma boa direção.

Tudo indica que se está diante de uma transferência quase total do modelo religioso tradicional para um contexto tecnológico moderno. O fenômeno de deificação dos Ovnis não é regra geral, mas ocorre com frequência suficientemente elevada para se debruçar sobre ele e perguntar qual o motivo disso. Quais são os fatores que determinam a criação de novos deuses tecnológicos, que não apenas substituem os antigos, mas chegam mesmo a absorvê-los, integrando as características deles à sua própria estrutura básica?

De forma explícita, o que se vê é um recapeamento de antigos mitos revestidos com roupagem moderna. É por isso que no fim dos tempos não será *apenas* Jesus que virá numa nuvem para nos

salvar, será *também* um comandante extraterrestre à frente de uma frota de discos voadores. Esse fenômeno de recapeamento já havia sido entrevisto por Jung, que reconheceu nos discos voadores o componente básico para a formação de um novo mito. O rumo que as coisas tomaram parece lhe dar total razão.

CONCLUSÕES

Qualquer pesquisador que tenha conversado com alguém que passou por uma profunda experiência ufológica deve ter constatado que, na maioria das vezes, a pessoa sofreu um impacto. Não resta dúvida de que, enquanto uma realidade inegavelmente externa, os Ovnis não se limitam a ser admirados e percebidos, mas assaltam a testemunha de maneira repentina – são os *contatos imediatos* tocando em suas emoções e desejos mais profundos.

É justamente esse princípio de alteridade absoluta dos Ovnis que os tornam um veículo tão adequado para os deuses. Trata-se de um fenômeno que, por sua estranheza e origem misteriosa, tem todos os requisitos para constelar os arquétipos. Uma vez reunidas ao seu redor, as forças arquetípicas podem se irradiar para outros setores, ampliando, assim, o conceito original do fenômeno e sua área de ação, passando a incorporar elementos desses outros setores.

Ufólogos, em sua maioria, preferem as ilusões ao tratamento racional, o qual têm como limitado e insosso ao gosto de suas transcendências, para que possam substituir seu afastamento das gnoses religiosas por seres salvadores e sobrenaturais, por isso mesmo batizados de ultraterrestres, extraterrestres, intraterrestres... uma ciranda de nomes que se amolda aos interesses. É que não se desvencilharam do condicionamento que lhes foi imposto pelas influências de fundo religioso. Dessa forma, apenas substituem deuses por Ets.

Assim, o estudo levado a termo ao longo dos últimos anos, prospectando e analisando a casuística mundial com toda a sua inadequação metodológica, e quatro décadas de experiências pessoais e pesquisa literária, os autores entendem que a ufologia apresenta todos os contornos de um mito, com as implicações que lhe cabe. A Prof^a Constança expõe com clareza essa delicada questão:

O homem busca a plenitude, dissemos. Porém, nessa busca, o “inquieta coração” do homem pode cometer erros e enganos, podem ocorrer manipulações ideológicas e políticas da força positiva da linguagem simbólica. (...) o uso negativo implica, pois, numa incorreta decifração dos valores que o mito veicula (engano.; ou na deliberada manipulação de tais valores, com a finalidade de obter poder sobre a massa, sobre a maioria (mistificação). Em ambos os casos (engano ou mistificação), o erro é de quem decifra, não do mito. (*in* Moraes, 1988, p.38).

Por fim, deve ser ressaltado que outros aspectos podem ainda ser enfocados, como as pulsões religiosas, a ficção científica no seu contexto mais intrínseco e o momento histórico circunstancial do surgimento da ufologia. Esta é a sugestão para que pesquisadores elaborem um painel mais amplo e completo da matéria em questão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAUMAN, Z. (2007). *Tempos Líquidos*. São Paulo. Jorge Zahar Ed.
- BETTELHEIM, B. (1980). *Psicanálise dos Contos de Fadas*. 7ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra.
- ELIADE, M. (s/d). *Aspectos do Mito*. Lisboa. Edições 70.
- GRINSPOON, D. (2005). *Planetas Solitários*. Rio de Janeiro, Ed. Globo.
- JUNG, C.G. (1991). *Um Mito Moderno Sobre Coisas Vistas na Terra*. 2ª. ed. Rio de Janeiro. Vozes.
- LEGROS, P. (2007). *Sociologia do Imaginário*. Rio Grande do Sul. Sulina.
- MAYER, J-F. (1989). *Novas Seitas – Um novo exame*. São Paulo. Loyola.
- MÉHEUST, B. (2007). *Science Fiction et Soucoupes Volantes*. Paris. Terre de Brume.
- MORAIS, R. (org.). (1988). *As Razões do Mito*. São Paulo. Papirus.
- PAZ, N. (1989). *Mitos e Ritos de Iniciação nos Contos de Fadas*. São Paulo. Cultrix/Pensamento.
- REIS, C; Rodrigues, U. *A Desconstrução de um Mito*. São Paulo. LivroPronto.